

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

ARTHUR PENNA AYRES

CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO TORCEDOR ORGANIZADO

Sensacionalismo e a Criminalização da Torcida Organizada Pavilhão 9 na
Imprensa Paulista

Campo Grande (MS)

JUNHO /2026

ARTHUR PENNA AYRES

CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO TORCEDOR ORGANIZADO

Sensacionalismo e a Criminalização da Torcida Organizada Pavilhão 9 na
Imprensa Paulista

Monografia apresentada como requisito
parcial para aprovação na disciplina
Projeto Experimental II do Curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Prof.^a. Dr^a Laura Seligman.

Campo Grande (MS)

JUNHO /2026

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família, que sempre esteve ao meu lado, oferecendo apoio, incentivo e compreensão em todos os momentos desta trajetória. Em especial, à minha mãe, Karla, exemplo de força, dedicação e amor incondicional; ao meu pai, Sandro, pelos ensinamentos, pelo suporte e pela confiança depositada em mim; à minha irmã, Maria Isabel, a nossa querida Bebel, por compartilhar comigo cada etapa desta caminhada; às minhas avós, Vera e Neia, por todo carinho, sabedoria e cuidado; e aos meus tios, que, de diferentes formas, contribuíram para minha formação pessoal e acadêmica.

Faço também uma homenagem especial aos meus avôs, Rubão e Penna, que já não estão presentes fisicamente, mas permanecem vivos em minhas lembranças e na formação dos valores que carrego. Ao Rubão, corinthiano apaixonado, e ao Penna, tricolor de coração, deixo minha eterna gratidão pelos ensinamentos, pelo carinho e pelo legado que deixaram em minha vida.

Agradeço também a todos os meus amigos, que tornaram essa jornada mais leve e significativa. Em especial, ao Carlos Eduardo e ao Felipe Alex, companheiros que estiveram presentes nos momentos mais importantes dessa caminhada, agradeço também à Céu Catherine, que sempre acreditou em mim, me apoiou e esteve presente ao longo dessa jornada. Estendo minha gratidão aos amigos que construí por meio da Associação Atlética Acadêmica, O Furão, ao grupo Crise na Gávea e a todos os colegas pelos quais tenho grande admiração e respeito. Cada conversa, cada apoio e cada momento compartilhado fizeram diferença nesta trajetória.

Registro ainda um agradecimento especial aos meus companheiros de Pavilhão 9. Mais do que motivarem esta monografia, eles contribuíram para a construção do olhar que originou esta pesquisa. Este trabalho não existiria da forma como foi concebido sem a influência e a inspiração proporcionadas por essa caminhada ao lado de vocês.

Meu agradecimento a todos os professores que passaram pela minha formação acadêmica e profissional, cujos ensinamentos serviram de inspiração para a construção deste trabalho e para a minha atuação como jornalista. De forma especial, agradeço à minha orientadora, Laura, pela confiança, paciência, dedicação e pelos valiosos ensinamentos durante todo o desenvolvimento desta pesquisa.

Também registro minha gratidão à professora Rose, que acreditou em meu potencial e confiou a mim importantes projetos ao longo da graduação, contribuindo significativamente para meu crescimento acadêmico e profissional. À professora Aline, responsável técnica do Mercado Escola da UFMS, agradeço pela oportunidade de aprendizado, pela parceria e por me permitir vivenciar, na prática, experiências enriquecedoras de extensão universitária.

A toda a equipe do Mercado Escola da UFMS, deixo meu sincero agradecimento. Participar desse projeto foi uma das experiências mais marcantes da minha formação, proporcionando vivências que ampliaram minha visão sobre extensão rural, comunicação e desenvolvimento social.

Ao Projeto Repórter Júnior, que me apresentou ao curso e do qual tive a honra de ser bolsista por dois anos, meu muito obrigado. Foi nesse espaço que dei os primeiros passos na prática jornalística e pude confirmar minha escolha profissional. Agradeço ainda à Agência de Comunicação da UFMS, local onde atuei como estagiário do Tá na Rua e como locutor, experiências fundamentais para minha formação.

Registro também minha gratidão a toda a equipe da Massa FM Campo Grande e do Portal RCN67, onde tive a oportunidade de estagiar e aprender diariamente com profissionais comprometidos com o jornalismo e a comunicação. A convivência com colegas, editores, repórteres, apresentadores e gestores contribuiu diretamente para minha formação profissional, fortalecendo meu olhar jornalístico e ampliando minha compreensão sobre a responsabilidade da informação.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram para esta pesquisa, seja por meio de ensinamentos, oportunidades, palavras de incentivo, apoio ou

simplesmente pela companhia ao longo do caminho. Cada encontro, cada aprendizado e até mesmo as reflexões compartilhadas após uma cerveja ajudaram, de alguma forma, a construir quem sou hoje e a tornar possível a realização deste trabalho.

A todos vocês, meu mais sincero obrigado.

RESUMO

Esta pesquisa investiga a representação mediática da torcida organizada Pavilhão 9 nos principais veículos de comunicação de São Paulo — Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo (Estadão) e o portal Lance! — no período compreendido entre janeiro de 2015 e março de 2025. O objetivo central foi analisar como os critérios de noticiabilidade e os enquadramentos jornalísticos constroem a imagem pública do torcedor organizado. A metodologia tem abordagem quali-quantitativa, utilizando a Análise de Conteúdo (AUTOR) para examinar um corpus de 67 matérias. A fundamentação teórica traz os conceitos de gramática invisível da notícia (Traquina, ANO), enquadramento episódico (Entman, ANO), "Moeda de dois lados" (Fabiano, ANO) e a função psíquica do jornalismo como Superego Acessório (Angrimani, ANO). Os resultados demonstram que a chacina ocorrida na sede da Pavilhão 9 em 2015 operou como um acontecimento foucaultiano, deslocando o discurso sobre a torcida das páginas de esporte para as de segurança pública e consolidando uma tendência discursiva pautada pela violência e uma assimetria na cobertura: enquanto os jornais de referência (Folha e Estadão) privilegiam o Lado B (barbárie e infração), contribuindo para a criminalização da pobreza e a estigmatização do torcedor, o portal especializado Lance! apresenta cobertura mais híbrida, reconhecendo a torcida como um sujeito político e ator social relevante.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo; Torcidas Organizadas; Pavilhão 9; Sensacionalismo; Criminalização; Critérios de Noticiabilidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 O Jornalismo como Instituição de Verificação e Construção da Realidade.....	15
2.2 O Sensacionalismo	15
2.3 Critérios de Noticiabilidade	17
2.4 A Torcida Organizada.....	19
3. METODOLOGIA	21
3.1 Metodologia e Transparência: O Uso de Inteligência Artificial	24
3.2 Registro dos Prompts e Objetivos Técnicos	24
4. DADOS OBSERVADOS	26
4.1 Distribuição Quantitativa por Veículo.....	26
4.2 Predominância dos Critérios de Traquina.....	26
4.3 O Estado de S. Paulo (Estadão): A Institucionalização do Conflito.....	28
4.4 - Folha de S. Paulo: O "Acontecimento" e a Gramática da Barbárie.....	31
4.5 - Portal Esportivo Lancel!: Entre o Serviço e a Punição.....	33
4.6 O "Lado A": A Torcida como Protagonista e Mercadoria	34
4.7 Diferenças Editoriais: "Lado A" vs. "Lado B"	36
4.7.1 O Lado B: A Barbárie e a Estigmatização	37
4.7.2. Assimetria entre os Lados.....	38
4.8 A Construção Discursiva do Outro no Jornalismo Esportivo: Sensacionalismo e Enquadramento das Torcidas Organizadas	39
4.8.1 O Deslocamento do Espaço Discursivo	39
4.9 Sensacionalismo como Modo de Produção e o Superego Acessório	40
4.9.1 O Superego Acessório no Jornalismo	41
4.10 O Enquadramento Episódico e a Criminalização da Pobreza.....	42
4.11 A Sociedade do Espetáculo e a Alienação da Imagem.....	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

O futebol no Brasil transcende a prática esportiva, consolidando-se como um fenômeno de profunda representatividade social e visibilidade, validado por diversos agentes que sustentam essa máquina econômica e cultural.

Dentro deste cenário, o Sport Club Corinthians Paulista destaca-se como a segunda maior torcida do país, detendo 14% das preferências nacionais segundo dados do Datafolha de 2024 ¹.

É nesse contexto de fervor clubístico que emergem as torcidas organizadas, instituições de espectadores que, no plano jurídico-burocrático brasileiro, organizam-se de forma independente dos clubes para viabilizar o apoio e a fiscalização das entidades esportivas.

Atualmente, o Corinthians possui seis grandes torcidas ativas: Gaviões da Fiel, Camisa 12, Pavilhão 9, Estopim da Fiel, Coringão Chopp e Fiel Macabra, de acordo com o Portal jornalístico “Meu Timão” que cobre o dia a dia do clube desde 2009, dentre essas, o Grêmio Recreativo, Cultural e Social Pavilhão 9. Fundada em 1990 no interior da antiga Casa de Detenção de São Paulo, o Carandiru, a Pavilhão 9 possui uma gênese singular ligada a ações sociais e ao futebol amador praticado no complexo penitenciário. No entanto, a trajetória do grupo é marcada por uma ruptura drástica: a chacina de 2015, na qual oito integrantes foram executados na sede da torcida por um ex-policia militar.

¹<https://ge.globo.com/pe/futebol/noticia/2024/11/28/flamengo-se-mantem-como-clube-de-maior-torcida-do-pais-seguido-por-corinthians-e-palmeiras.ghtml> - acesso em 27/05/2026

Figura 1: Logo da torcida organizada Pavilhão 9.



Disponível em: <https://www.facebook.com/cdpavilhao9/> - acesso em 27/05/2026

A origem da torcida remonta a nove amigos que realizavam ações sociais no interior da Casa de Detenção e se inspiraram em um time de futebol amador chamado "Corinthians do Pavilhão 9", que disputava campeonatos internos. Assim, surgiu a ideia de fundar uma torcida organizada para apoiar o Corinthians no futebol profissional e, ao mesmo tempo, homenagear o time amador do complexo penitenciário.

A trajetória da torcida, no entanto, também é marcada por tragédias. Em 2015, na sede localizada na Vila dos Remédios, o ex-policial militar Rodney Dias dos Santos, com o auxílio de outras duas pessoas, assassinou oito integrantes da torcida, entre eles o ex-presidente Fábio Neves Domingues, conhecido como DuMemo. Rodney foi condenado em 2019. Após o crime, a torcida transferiu sua sede para a Zona Leste de São Paulo, em Itaquera, nas proximidades do Estádio do Corinthians.

Figura 2: Foto da frente da sede da torcida na Vila dos Remédios na noite da chacina



Foto: Edison Temoteo/Futura Press/Estadão Conteúdo (Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/04/vitima-de-chacina-em-sede-de-torcida-do-corinthians-foi-presos-na-bolivia.html>)

Embora Buarque de Hollanda (2008) aponte que as organizadas representam formas de sociabilidade juvenil e de pertencimento em espaços urbanos desiguais, a imagem pública desses coletivos é frequentemente reduzida à criminalidade.

O jornalismo, como instituição social capaz de mediar e construir sentidos sobre a realidade, exerce papel soberano nesse processo através de sua "gramática invisível": os critérios de noticiabilidade. Conforme Traquina (2005), esses critérios selecionam o que se torna notícia, priorizando valores como Morte, Conflito, Infração e Escândalo.

Diante do exposto, o presente trabalho analisa como o jornalismo paulista, especificamente os jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, além do

portal especializado Lance!, que construiu a representação discursiva da torcida Pavilhão 9 entre janeiro de 2015 e março de 2025.

Busca-se compreender se os critérios de seleção e enquadramento adotados reforçam o estigma da barbárie ou permitem a visibilidade da agência política e social desta organização.

Como membro ativo da torcida organizada Pavilhão 9, subsede Campo Grande (Mato Grosso do Sul), tomei a decisão de investigar e analisar os critérios jornalísticos que envolvem a cobertura da torcida organizada, articulando a vivência como torcedor com os conhecimentos adquiridos ao longo do Curso de Jornalismo.

Em síntese, a principal motivação para a escolha deste tema é a minha paixão pelo Sport Club Corinthians Paulista, que cultivo desde a infância e é transmitida por gerações pela minha família — em especial pelo meu avô paterno, Rubens Costa Ayres, o Rubão, que me levou a estádios, comemorações de títulos e transmitiu a paixão da torcida corinthiana.

Além disso, destaco o apoio da minha mãe Karla — referência feminina no futebol e incentivadora da minha formação — e do meu pai, Sandro, meu parceiro na rotina como torcedor organizado. Também carrego com carinho as histórias do meu avô materno, Seu Penna, que compartilhou comigo sua paixão pela seleção brasileira de 1970 em seus últimos meses de vida.

Finalmente, a motivação essencial que os docentes do curso de Jornalismo me transmitiram, ao incentivar a produção de conteúdos jornalísticos de maneira didática para disciplinas, me mostrou a possibilidade de conciliar paixão, pesquisa e conhecimento.

O principal objetivo desta monografia é, portanto, analisar os critérios de noticiabilidade utilizados pelos principais veículos jornalísticos da cidade de São Paulo ao abordar a torcida organizada Pavilhão 9 entre janeiro de 2015 e março de 2025; identificar como a torcida organizada Pavilhão 9 foi retratada nos portais *Folha de S.Paulo*, *Estadão* e *Lance!*, descrever os elementos e enfoques jornalísticos predominantes nas notícias sobre o Pavilhão 9; caracterizar a forma das narrativas jornalísticas e se reforçam ou confrontam estereótipos sociais sobre torcedores organizados; avaliar diferenças editoriais entre os veículos

analisados quanto ao tratamento, principalmente entre os jornais de cotidiano e o jornal esportivo; comparar a quantidade de notícias negativas e positivas relacionadas à torcida organizada.

Os veículos de comunicação tendem a não considerar o papel das torcidas, seja cultural, histórico, comunitário ou identitário, na sociedade. Esse contato direto com a realidade da torcida organizada possibilita uma perspectiva interna e diferente, que pode contribuir para uma análise crítica, sensível e realista das representações construídas pelos veículos de comunicação, mas com cautela quanto à proximidade do tema. Ao mesmo tempo, a pesquisa se fundamentou em teorias comunicativas, especialmente na análise dos critérios de noticiabilidade e dos elementos que definem o que é ou não considerado notícia, e ainda como determinados grupos sociais são abordados nas pautas jornalísticas.

O formato de monografia escolhido para o Trabalho de Conclusão de Curso cumpre dois papéis principais: no campo teórico, o desenvolvimento permite investigar os critérios de noticiabilidade sobre futebol e cobertura jornalística esportiva; do ponto de vista social, a relevância do tema se torna evidente na medida em que as torcidas organizadas ocupam um espaço significativo nas dinâmicas urbanas, especialmente em um grande centro urbano como São Paulo. As torcidas envolvem juventudes periféricas, expressões culturais e redes de solidariedade pouco visíveis para quem está fora desse universo. O modo como são representadas pela imprensa tem influência direta na maneira como são tratadas pela sociedade, através da opinião pública e pelo poder público.

O recorte temporal adotado (2015–2025) abrange uma década de transformações políticas, sociais e tecnológicas, marcada por episódios de violência, disputas simbólicas e mudanças na atuação da mídia. São esses fatores que tornam esse intervalo extremamente importante para análise.

Ao investigar como a torcida Pavilhão 9 foi retratada nos portais Folha de S. Paulo, Estadão e Lance!, o trabalho monográfico pretende colaborar tanto com a produção de conhecimento acadêmico quanto com o jornalismo praticado na atualidade. A intenção é apontar caminhos para uma cobertura mais justa, plural e contextualizada das torcidas organizadas, rompendo com

generalizações e abrindo espaço para uma compreensão dessas manifestações populares. A junção entre vivência prática e formação teórica pode permitir uma análise que valoriza o conteúdo jornalístico e a escuta ativa dos torcedores retratados nas produções dos veículos de comunicação.

A proposta de investigar o jornalismo esportivo a partir da representação das torcidas organizadas justifica-se pela relevância do futebol brasileiro. As torcidas organizadas não apenas influenciam o ambiente dos estádios, mas também são protagonistas constantes em narrativas jornalísticas que oscilam entre a exaltação da paixão pelo clube e a criminalização de suas ações. Nesse contexto, compreender como o jornalismo constrói e difunde essas imagens é essencial para refletir sobre o papel da mídia na formação da opinião pública, nos discursos sobre violência no esporte e na legitimação ou marginalização desses coletivos. Além disso, diante da expansão das mídias digitais e da atuação direta dessas torcidas nas redes sociais, torna-se ainda mais pertinente analisar como essas dinâmicas impactam a cobertura jornalística e a percepção social dessas organizações. Assim, o estudo contribui para um debate mais amplo sobre comunicação, identidade, poder simbólico e representação social no esporte.

A relevância social do Sport Club Corinthians Paulista é justificada através de números: o clube movimentou R\$ 118,597 milhões em bilheteria em 2025, o estádio localizado na Zona Leste da capital paulista, Neo Química Arena, recebeu 1.599.193 torcedores pagantes ao longo de 38 partidas como mandante durante a temporada de 2025².

² Disponível em: <https://ge.globo.com/gato-mestre/noticia/2026/01/01/corinthians-termina-2025-com-a-maior-taxa-de-ocupacao-de-estadio-palmeiras-e-segundo-veja-ranking.ghtml> - Acesso em 27/05/2026.

Figura 3: Neo Química Arena em noite de jogo.

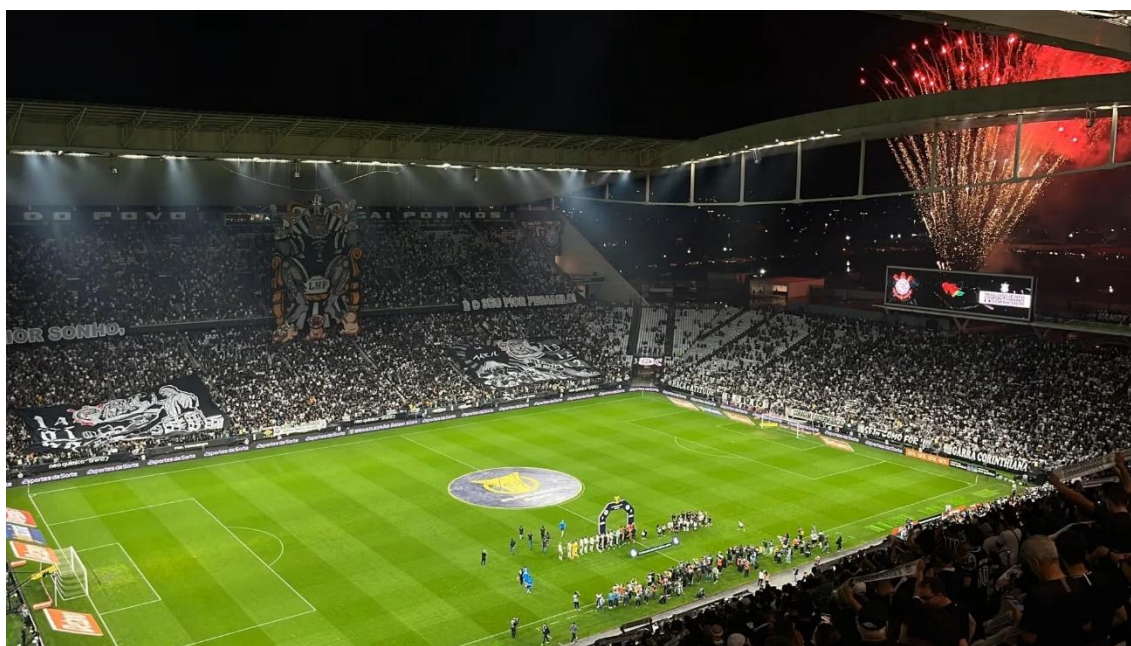


Foto: Guilherme Azevedo / PLACAR – disponível em <https://placar.com.br/placar/o-impacto-da-neo-quimica-arena-no-futebol-brasileiro/>

Além da movimentação para os estádios, a relevância da torcida corinthiana se faz presente nas emissoras abertas durante transmissões dos jogos. Na Rede Globo em 2024, o clássico entre Corinthians e São Paulo FC no dia 16 de junho alcançou 26 pontos de audiência e 47% de participação na Grande São Paulo, tornando-se a maior audiência dos domingos na emissora desde 2022. Na TV Record, a semifinal do Campeonato Paulista de 2025, a partida entre Corinthians e Santos realizada no dia 9 de março rendeu à TV Record uma média de 20 pontos, com picos de 22, superando a TV Globo no mesmo horário. No SBT durante a transmissão de Corinthians x Fortaleza pelas quartas de final da Copa Sul-Americana, em 24 de setembro de 2024, o canal atingiu 15 pontos de audiência, liderando o horário e superando a TV Globo.

Os dados representam a relevância social e midiática que o Corinthians possui, que influencia índices de audiência das emissoras que transmitem seus jogos. Essa popularidade reflete a força da marca Corinthians e seu impacto no mercado esportivo e midiático brasileiro.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Jornalismo como Instituição de Verificação e Construção da Realidade

O jornalismo não deve ser compreendido apenas como um relato de eventos, mas como uma instituição social fundamental na construção da experiência social do presente. Segundo Franciscato (2005), o jornalismo é uma criação institucional que permite à sociedade produzir sua vivência do momento presente, fornecendo subsídios para a tomada de decisões.

Essa construção não é neutra, mas um processo intersubjetivo onde o jornalismo assume o papel de "enunciador pedagógico", orientando a percepção do público sobre o que é real e relevante. Conforme Berger e Luckmann (2013), a realidade da vida cotidiana é apreendida como uma ordem objetivada pela linguagem, e o jornalismo atua consolidando essas "tipificações" que organizam o mundo social.

A transformação de fatos cotidianos em notícias é regida pelos critérios de noticiabilidade, definidos por Traquina (2005) como uma "gramática invisível" que orienta a rotina das redações. Esses critérios funcionam como filtros que selecionam o que será transformado em narrativa pública, baseando-se em valores como Morte, Conflito, Infração e Escândalo.

A seleção das notícias reflete relações de poder e interesses comerciais, onde o jornalismo, sob a pressão do tempo (deadline), acaba recorrendo a padrões viciados de interpretação. Nesse cenário, a noticiabilidade não é apenas técnica, mas um processo sociológico que influencia a distribuição de poder e a visibilidade de determinados grupos sociais.

2.2 O Sensacionalismo

O sensacionalismo é caracterizado por Angrimani (1995) como a exploração, em tom espalhafatoso, de matérias capazes de emocionar ou escandalizar. Para Pedroso (2001), trata-se de um modo de produção discursivo que utiliza critérios de intensificação e exagero gráfico e semântico para

sublinhar o extraordinário e o vulgar. Além de seu viés mercadológico, o sensacionalismo desempenha uma função psíquica como "Superego Acessório".

O sensacionalismo opera através de critérios de intensificação gráfica, temática e semântica, ao recorrer a intensificação e exagero. Isso significa que o fato não é apenas relatado, mas superdimensionado para extrair dele sua máxima carga emotiva e apelativa. As divergências entre linguagem-clichê e linguagem-signo, ou linguagem sóbria, se tornam evidentes quando o jornalismo de referência utiliza a linguagem-signo para manter o distanciamento e a objetividade (servindo como um escudo contra emoções fortes), o sensacionalismo adota a linguagem-clichê. Esta linguagem busca romper esse escudo psíquico, promovendo uma fusão emocional entre o leitor e o objeto da notícia, fazendo-o "sentir" e "viver" o drama por procuração.

Segundo Angrimani (1995), o jornal assume o papel de um juiz moral que condena implacavelmente os "egos transgressores" para saciar a curiosidade mórbida da audiência e aliviar o fardo psíquico do leitor através do prazer vicário. Assim, o sensacionalismo "rompe o escudo contra as emoções fortes", atingindo o inconsciente do leitor pelo choque.

Ao assumir o papel de Juiz Moral, o veículo é definido como um censor social que condena implacavelmente os "egos transgressores" (Angrimani, 1995, pg.44). Ao exibir a punição ou o achincalhamento de um "marginal", o jornal oferece uma "lição de moral" que reafirma a ordem e a lei. O que resulta em prazer vicário e catarse, a audiência experimenta uma satisfação sádica ao ver o "outro" ser punido, o que alivia seu próprio fardo psíquico de culpa. O sensacionalismo permite a satisfação simbólica de impulsos reprimidos (sexo e violência), vivenciados "por procuração" através da tragédia alheia.

O conceito de enquadramento, formulado por Entman (1993), refere-se à seleção de alguns aspectos da realidade para promover uma definição particular de um problema ou uma avaliação moral. Na cobertura da violência, predomina o enquadramento episódico, que, segundo Iyengar (1991), simplifica problemas sociais complexos ao nível da "evidência anedótica", focando na responsabilidade individual e ignorando causas estruturais.

Esse processo resulta no que Góes (2014) denomina "criminalização da pobreza". Através da "estética do sangue" e da ancoragem geográfica em áreas periféricas, o jornalismo associa a origem social à predisposição para o crime, tratando a desigualdade como uma "doença moral".

A "Evidência Anedótica", ao seguir a lógica de Iyengar (1991), o enquadramento episódico retira o crime de sua complexidade estrutural (falta de políticas públicas, desigualdade) e o reduz a um evento isolado de responsabilidade puramente individual, o que impede o debate crítico sobre as causas da violência. Góes (2014) demonstra que o jornalismo sensacionalista mapeia a cidade moralmente, ao evidenciar a ancoragem Geográfica e Estética do Sangue e situar as notícias de barbárie sistematicamente em áreas periféricas e povoados pobres, a mídia associa a origem social à predisposição para o crime.

O pobre é construído como um "outro perigoso", uma ameaça à ordem social, o que Goés define como "Doença Moral" (Goés, 2014, pg.138). O uso de termos desumanizantes (como "monstro", "animal" ou "câncer") retira a condição humana do sujeito, transformando a pobreza em uma espécie de patologia moral que justifica a repressão estatal e a vigilância.

Em suma, o sensacionalismo funciona como uma ferramenta de governamentalidade. Ele não apenas vende notícias através do choque, mas organiza a realidade social ao definir quem pertence à ordem e quem deve ser segregado ou extirpado, transformando a dor humana em uma mercadoria rentável dentro da Sociedade do Espetáculo.

2.3 Critérios de Noticiabilidade

A transformação de um fato em notícia não é um processo aleatório, mas sim regido pelo que Nelson Traquina (2005) denomina "gramática invisível", os critérios de noticiabilidade funcionam como filtros institucionais e profissionais que determinam quais eventos possuem as qualidades necessárias para serem transformados em narrativas públicas. Segundo o autor, a noticiabilidade é um processo de seleção baseado em determinados valores jornalísticos e sociais que moldam a forma como o mundo é apresentado ao público.

É preciso distinguir dois conceitos centrais, o Valor-Notícia e a Noticiabilidade, o valor-notícia, que se refere ao julgamento da relevância do fato em si, e os critérios de noticiabilidade, que indicam as necessidades e rotinas de um veículo para a produção da notícia.

Conforme afirma Moreira (2006), a notícia é uma representação do fato, imersa nas características políticas, sociais e editoriais do jornal e do jornalista que a produz. Nesse sentido, o processo de converter um fato em notícia é, essencialmente, uma operação linguística e social.

O processo de seleção das notícias, conhecido como *gatekeeping*, é influenciado por diversos fatores internos e externos. Moreira (2006) aponta que os jornalistas agem sob a influência de uma cultura própria, mas também respondem a interesses externos e arbitrariedades do poder. Um fator determinante nesse ambiente é o *deadline* (prazo final), que impõe uma pressão temporal que muitas vezes força os profissionais a obedecerem a padrões viciados de seleção e interpretação.

Conforme a sistematização de Traquina (2005), os critérios podem ser divididos em dois grandes grupos, os Critérios de Seleção (Substantivos) que são aqueles que classificam o material pela temática da pauta, determinando o que entrará no jornal.

Na cobertura das torcidas organizadas, predominam valores-notícia como: Morte: O valor supremo que garante visibilidade imediata; Conflito e Infração: A transgressão das leis e a ruptura da ordem social; Escândalos: Eventos que chocam a moralidade pública; Inesperado: O fator surpresa que rompe a rotina (como a atuação política de torcidas em 2022); Notabilidade: A importância social dos envolvidos ou o número de pessoas afetadas; Critérios de Construção: Referem-se à forma como o texto é redigido e como a notícia é apresentada visualmente para atrair a atenção do leitor.

No contexto específico das torcidas organizadas, a aplicação desses critérios tende a privilegiar o que Livia Fabiano (2016) chama de "Lado B" (barbárie e violência) em detrimento do "Lado A" (festa e sociabilidade). Fatos relacionados à violência urbana e juventude periférica são selecionados com

mais saliência porque atendem aos critérios de conflito e drama, reforçando estereótipos negativos e simplificando problemas complexos.

A seleção das notícias, portanto, não é neutra; ela reflete a distribuição de poder na sociedade, onde as vozes das autoridades (policiais e judiciárias) costumam ser as fontes primárias que validam a noticiabilidade de um evento, enquanto o discurso do torcedor é frequentemente silenciado.

Recentemente, observa-se uma tendência de transformar o conteúdo esportivo em infotainment (informação + entretenimento), esse fenômeno contribui para a espetacularização da violência, onde aspectos emocionais e sensacionalistas são privilegiados em detrimento de uma análise aprofundada das causas estruturais dos conflitos no esporte. Desta forma, os critérios de noticiabilidade acabam subordinados ao princípio do lucro e da audiência, transformando o torcedor organizado em um personagem unidimensional e criminalizado.

2.4 A Torcida Organizada

A representação das torcidas organizadas no jornalismo esportivo opera sob a metáfora da "moeda de dois lados" de Fabiano (2016). Lado A (Festa): A torcida é valorizada como uma mercadoria visual que confere "alma" e espetáculo ao futebol, sendo útil para vender o esporte como produto cultural. Lado B (Barbárie): A torcida é demonizada e deslocada das páginas de esporte para as de polícia, sendo seu nome institucional invocado apenas para reforçar o pânico moral.

Complementarmente, Palhares (2022) identifica o "acontecimento foucaultiano" como o marco de ruptura que altera as regras de verificação sobre esses grupos. Episódios como a chacina de 2015 funcionam como pontos de inflexão que consolidam uma regularidade discursiva pautada pela violência e pela exclusão do torcedor como sujeito político.

Dentro da perspectiva de Debord (1997), a imagem da violência torna-se uma mercadoria na Sociedade do Espetáculo, onde a vida autêntica é substituída pela representação. O espetáculo midiático transforma a dor em

entretenimento, alimentando a "economia da atenção". Do ponto de vista ético, essa prática transgrede o compromisso com a dignidade humana.

O jornalismo muitas vezes incorre no que Moretzsohn (2007) chama de "jornalismo de mãos limpas": relata as falas das autoridades sem checagem crítica, lavando as mãos para a injustiça social e para a violação da presunção de inocência. Conforme Christofolletti (2008), o pré-julgamento e a exposição indevida de pessoas vulneráveis configuram graves desvios éticos que resultam na "morte social" do acusado.

3. METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza aplicada, com uma abordagem quali-quantitativa. O aspecto quantitativo dedica-se à mensuração da frequência de termos e critérios de noticiabilidade, enquanto o qualitativo foca na interpretação dos significados ocultos (conteúdo latente) e na construção do estigma da Torcida Pavilhão 9.

Seguindo os preceitos de Foucault (1971), o Arquivo não é apenas um acúmulo de documentos, mas o limite do que pode ser dito em uma época. Pelas fontes que foram: Jornais de referência (*Folha de S. Paulo* e *Estadão*) e o portal especializado *Lance!*; pelo recorte temporal, de janeiro de 2015 a março de 2025 (ou 2023, conforme a análise atual), abrangendo o acontecimento da chacina de 2015 até os atos políticos recentes; pela amostragem das 67 matérias selecionadas utilizando palavras-chave como Pavilhão 9 e Torcida Organizada Corinthians.

O recorte temporal definido para a pesquisa abrange de janeiro de 2015 a março de 2025, embora as matérias coletadas especificamente nos links fornecidos concentrem-se entre 2015 e 2023.

Quadro1 : Distribuição do Corpus Documental por Veículo e Temporalidade

Veículo de Comunicação	Qtd. de Matérias	Data da Primeira Matéria	Data da Última Matéria
Folha de S. Paulo	47	Abril de 2015	Outubro de 2019
Portal Lance!	12	Outubro de 2015	Abril de 2023
O Estado de S. Paulo (Estadão)	8	Novembro de 2017	Agosto de 2023
TOTAL GERAL	67	Julho de 2015	Agosto de 2023

Fonte: Elaboração própria com base nos links das matérias analisadas

A análise seguiu as fases fundamentais da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016): a pré-análise, a realização de leitura flutuante do material e constituição do corpus final por meio da exploração do material, ao fazer a codificação das matérias em Unidades de Registro (manchetes, frases e adjetivações); o Tratamento dos dados; e a elaboração de inferências, por meio do cruzamento

dos dados com o referencial teórico para extrair conclusões sobre a criminalização da pobreza e o papel moral do jornalismo.

Segundo Bardin (2016, p. 36-37), A Análise de Conteúdo tem duas funções principais: Uma função heurística para realizar descobertas e enriquecer a tentativa exploratória; e outra de Administração da Prova, que auxilia na formulação de hipóteses para serem confirmadas. "A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análises das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos [...] adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

As categorias de análise das matérias foram submetidas a quatro eixos interpretativos: Critérios de Noticiabilidade (Traquina, 2005): identificação de valores-notícia como Morte, Infração, Escândalo, Notabilidade e Inesperado; Enquadramento – Framing (Entman, 1993): Distinção entre o enquadramento episódico (focado no evento isolado e na responsabilidade individual) e o temático; A Moeda de Dois Lados (Fabiano, 2016): Verificação de quando a torcida é tratada como mercadoria do espetáculo (Lado A) ou como barbárie e caso de polícia (Lado B); e a Função Psíquica (Angrimani, 1995): Análise do jornalismo como Superego Acessório, que julga e condena moralmente o torcedor organizado.

Os Critérios de Noticiabilidade (Traquina, 2005), investiga a "gramática invisível" que orienta as rotinas das redações e determina o que se torna notícia. A noticiabilidade é um processo de seleção baseado em valores que moldam a apresentação do mundo ao público; Morte: É o valor-notícia supremo, garantindo visibilidade imediata e centralidade na pauta, como observado na cobertura massiva da chacina de 2015; Infração e Conflito: Focam na transgressão das leis e na ruptura da ordem social, sendo os critérios predominantes na cobertura das torcidas organizadas para justificar o controle estatal; Escândalo: Refere-se a eventos que chocam a moralidade pública, transformando o torcedor em um "vilão" social; Notabilidade: Avalia a importância dos envolvidos ou o volume de pessoas afetadas. No portal Lance!, este critério é frequentemente usado para tratar a torcida como um sujeito político ou prestador de serviço; Inesperado: O fator surpresa que rompe a rotina. Foi central em 2022, quando a atuação política

dos torcedores em rodovias forçou um enquadramento positivo incomum na mídia.

O enquadramento, ou framing, (Entman, 1993) refere-se à seleção de alguns aspectos da realidade para promover uma definição particular de um problema ou uma avaliação moral. Enquanto o enquadramento episódico (Iyengar, 1991) é a marca predominante no sensacionalismo. Foca em eventos isolados, tratando o crime como uma "evidência anedótica". Ao simplificar o problema ao nível da responsabilidade individual do torcedor, o jornalismo ignora causas estruturais e históricas da violência. Por outro lado, o enquadramento temático insere os fatos em um contexto sócio-histórico amplo, debatendo a violência como um fenômeno multifatorial e social. Nessa tese, este tipo de quadro é raro, aparecendo apenas quando a torcida é lida como agente político.

A Moeda de Dois Lados (Fabiano, 2016) utiliza a metáfora de um "disco de vinil" para explicar a ambivalência do jornalismo esportivo brasileiro em relação às torcidas.

O Lado A de exaltação, a torcida é retratada como mercadoria do espetáculo. Suas festas, mosaicos e cantos são celebrados para vender o futebol como produto cultural e atrair audiência (Sociedade do Espetáculo). Nesse lado, o crédito das ações é diluído ou a torcida é tratada apenas como "fiel".

O Lado B da Barbárie, a torcida é tratada como um "caso de polícia". O foco recai sobre o crime, a selvageria e a infração. Aqui, a menção ao nome institucional da Pavilhão 9 torna-se inevitável para reforçar o estigma e o pânico moral.

No quesito da Função Psíquica (Angrimani, 1995) analisa o papel do jornalismo (especialmente o sensacionalista) no plano do inconsciente coletivo, atuando como um mediador de pulsões.

O Superego Acessório onde o jornal assume a função de um juiz moral instalado no social e condena implacavelmente os "egos transgressores" (torcedores) através de manchetes agressivas e "lições de moral".

A Satisfação por Procuração indica que o veículo oferece ao leitor um prazer vicário ao exibir a punição do "outro" (o marginal/torcedor vândalo). Ao humilhar o infrator e mostrar o "sangue no chão", o jornalismo sacia a curiosidade mórbida do público e reafirma que a ordem e a lei foram restabelecidas.

Desta forma, os quatro eixos revelam que a imagem da Torcida Organizada Pavilhão 9 é construída através de um sistema que seleciona a morte e a infração (Traquina), enquadra o fato como isolado e individual (Entman/Iyengar), oscila entre a venda da festa e a criminalização (Fabiano) e atua como um censor punitivo para a audiência (Angrimani).

3.1 Metodologia e Transparência: O Uso de Inteligência Artificial

Em estrita observância à Resolução nº 455-COUN/UFMS (2025), que institui a Política de Inteligência Artificial da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, declara-se que este trabalho utilizou o sistema NotebookLM (Google) como ferramenta subsidiária para o processamento de grandes volumes de dados e suporte analítico.

A adoção desta tecnologia fundamentou-se nos princípios de inovação responsável e transparência, servindo como uma "caixa de ferramentas" analítica para otimizar as fases de organização do Arquivo e categorização de conteúdo.

3.2 Registro dos Prompts e Objetivos Técnicos

Conforme estabelecido pelo Art. 16, § 5º da referida norma institucional, os métodos e ferramentas de IA devem ser explicitados. Abaixo, listam-se os comandos (prompts) que orientaram a interação com a plataforma para atingir os objetivos específicos da monografia:

Categorização Sistemática: "Explique os critérios de noticiabilidade de Nelson Traquina (2005) de forma didática, diferenciando critérios substantivos e contextuais, e apresente exemplos aplicados ao jornalismo esportivo.". Este prompt foi essencial para a triagem inicial do dataset, permitindo a classificação preliminar das notícias sob valores-notícia como Morte, Conflito e Infração.

Extração de conteúdos e compreensão: “Como Nelson Traquina entende a ideia de ‘gramática invisível da notícia’ e de que forma isso influencia a rotina produtiva das redações?”. Utilizado para identificar padrões de recorrência temporal no jornalismo, na redação e a predominância editorial entre os veículos analisados.

Síntese e Cruzamento Teórico “Explique o conceito de framing/enquadramento em Robert Entman (1993) e como ele atua na seleção e ênfase de determinados aspectos da realidade.” O objetivo foi agilizar a identificação de regularidades discursivas nas fontes.

Estruturação Analítica: “Crie um mapa conceitual relacionando Traquina, Entman, Angrimani, Debord e Foucault dentro dos estudos de mídia e jornalismo”. Este comando auxiliou na organização lógica dos argumentos e na aplicação da Análise de Conteúdo dos Autores.

É imperativo ressaltar que a Inteligência Artificial não substitui a autoria humana, o pensamento crítico ou a autonomia intelectual do pesquisador. A ferramenta atuou apenas no nível do processamento de informações já existentes no Arquivo constituído pelo autor. Todas as análises, resumos e categorizações gerados pela IA foram supervisionados, validados e interpretados criticamente.

O exercício do senso crítico foi o requisito inafastável para a aceitação de cada inferência, garantindo que a análise discursiva sobre a Torcida Pavilhão 9 não incorresse em resultados falsos ou enviesados.

Dessa forma, a responsabilidade final pela obra, pela originalidade das conclusões e pelo ineditismo científico permanece integralmente com o autor, tratando a IA como uma fonte subsidiária de apoio técnico, devidamente citada e declarada, conforme reza a integridade acadêmica e científica da UFMS.

4. DADOS OBSERVADOS

Com base no levantamento das 67 matérias analisadas e na aplicação dos critérios de noticiabilidade de Traquina (2005), a análise dos dados revela padrões claros de cobertura jornalística sobre a Torcida Pavilhão 9 entre 2015 e 2025.

4.1 Distribuição Quantitativa por Veículo

A amostragem evidencia uma hegemonia da Folha de S. Paulo, que detém 47 das 67 matérias (70,1%). O portal Lance! contribuiu com 12 matérias (17,9%) e o Estadão com 8 matérias (11,9%). A concentração na Folha sugere que a torcida é pautada predominantemente sob a ótica do cotidiano e da segurança pública da capital paulista, e não apenas como um ator do nicho esportivo. Os quadros com todas as unidades observadas estão nos apêndices desta monografia.

4.2 Predominância dos Critérios de Traquina

A classificação das matérias segundo os critérios de seleção substantivos de Traquina revela que a imprensa é movida por três eixos principais:

Morte e Conflito (Eixo Dominante): Cerca de 60% (48) da amostra está ancorada nesses critérios. A cobertura da chacina de 2015 e dos óbitos em confrontos de 2023 reafirmam que a tragédia é o valor-notícia supremo para gerar interesse público, através da cobertura da cobrança das torcidas sobre a contratação do técnico Cuca, condenado por estupro nos anos 1980.

Infração e Escândalo: Esses critérios aparecem com frequência nas investigações sobre a participação de policiais militares em crimes e nos processos judiciais envolvendo a diretoria da torcida. O jornalismo atua aqui como um "superego acessório", como Angrimani (1995) define ao focar na punição do desvio moral.

O termo, a partir das formulações de Otto Fenichel sobre o "superego reprojeto" (Angrimani 1995, pg. 47), conferindo-lhe uma característica

"maleável" que se adapta a figuras autoritárias de aparecimento recente, como os meios de comunicação.

A Socialização do conflito interno segundo Angrimani baseia-se em Adorno (1977). O ego humano gasta uma energia psíquica exaustiva para manter impulsos reprimidos no inconsciente. O controle individual é hoje socializado pela indústria cultural; o meio de comunicação assume a tarefa de vigiar, punir e recompor a ordem, aliviando o fardo psíquico do indivíduo. A função de Juiz Moral, de como os jornais atuam como um censor instalado no social que "condena implacavelmente os egos transgressores" (Angrimani, 1995, p. 51).

Por meio de manchetes e textos agressivos, o veículo oferece uma lição de moral que satisfaz a necessidade de castigo do público, agindo como um "chicote punitivo" (Angrimani, 1995, p. 40) contra quem rompe as normas.

Em suma, o jornalismo é assim porque atende a uma necessidade inconsciente da audiência de delegar suas instâncias de julgamento e punição a um agente externo, transformando a segurança pública e a moralidade em um espetáculo de controle social.

Notabilidade e Inesperado: Estes critérios ganham força em fatos recentes (2022-2023), como a desobstrução de rodovias e protestos políticos, apresentando a torcida como um agente social ativo e rompendo o estereótipo do vândalo.

Recortes Temporais e o "Acontecimento"

O ano de 2015 concentra 33 matérias (quase 50% da amostra), funcionando como um "acontecimento foucaultiano" (Soares 2022) — um ponto de ruptura que desloca o discurso sobre a torcida do caderno de esportes para as páginas de polícia.

um episódio ou uma série deles, que mude as regras de verificação (se relacionam aos efeitos de um discurso considerado como verdadeiro) em torno do discurso sobre as torcidas organizadas. Ou seja, quais foram os fatos, ou a sequência de fatos, que modificaram o que se dizia e o que se fazia em relação às torcidas organizadas? (Palhares, 1995, p. 26)

Palhares (1995) define como o “acontecimento” em sua análise, a primeira morte em briga de torcidas, o corinthiano Rodrigo de Gásperi, em 1992³. No caso desta monografia “o acontecimento” é a chacina na sede da Torcida em 2015. Esse volume massivo de publicações em um curto período consolida a regularidade discursiva da violência.

4.3 O Estado de S. Paulo (Estadão): A Institucionalização do Conflito

O *Estadão* foca em uma cobertura institucional, jurídica e de segurança pública, tratando a torcida sob o prisma do desvio da norma. Critérios Predominantes: Infração, Conflito, Morte e Fator Tempo.

Quadro 2 – Critérios no jornal Estado de SP

Veículo	Título / Assunto Principal	Critério de Noticiabilidade (Traquina)
Estadão	As chacinas e a ordem democrática brasileira	Conflito / Infração
Estadão	Mortes de torcedores no futebol brasileiro em 2023	Morte / Conflito
Estadão	Torcedor do Corinthians morre atingido por rojão	Morte / Inesperado
Estadão	Júri condena ex-PM por chacina na Pavilhão 9	Infração / Notoriedade
Estadão	Torcida do Corinthians vai ao treino prestar apoio	Notabilidade / Notoriedade
Estadão	Bandeiras e instrumentos de volta aos estádios	Novidade / Notabilidade
Estadão	Mandados de prisão em organizadas de SP	Infração
Estadão	Execução em sede de torcida deixa 8 mortos	Morte / Inesperado

Fonte: elaborado pelo autor

A frequência no quadro é dominada pelos critérios de Infração e Conflito, ambos são motores principais, e aparecem nas matérias sobre condenações judiciais e brigas (blocos de 33 e 15 matérias, respectivamente). O Critério de

³ <https://app.globoesporte.globo.com/sp/futebol/violencia-torcidas-corinthians-sao-paulo/> acesso em 20/05/2026

Morte é central nas notícias sobre os óbitos de torcedores em 2023, como Rafael Merenciano, membro da Pavilhão 9 morto após ataque de bomba no Pará (<https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/torcedor-do-corinthians-morre-apos-ser-atingido-por-rojao-antes-de-derrota-para-o-remo/#:~:text=%E2%80%9CO%20Corinthians%20lamenta%20profundamente%20o,Rafael%E2%80%9D%2C%20disse%20o%20clube.>). O fator tempo é aplicado nas três matérias de Legislação (ex: sanção de leis sobre invasão de treinos).

O *Estadão*, embora representado por menos matérias (8), apresenta uma cobertura focada na dimensão política e jurídica das torcidas organizadas, com forte ênfase na violência e crítica (Lado B) apontado por Fabiano (2016).

Crítérios de Traquina Predominantes: Infração, Conflito e Morte. As matérias de 2023 sobre mortes de torcedores, caso Merenciano, e a condenação de ex-PMs pela chacina da Pavilhão 9 evidenciam que o veículo prioriza o desvio da norma legal.

O jornal atua como um “Superego Acessório” (Angrimani, 1995, p. 43) utilizando uma linguagem que busca punir moralmente o transgressor e reafirmar a ordem democrática. De acordo com Angrimani (1995), o superego, na psicanálise freudiana, é a instância que introjeta as normas morais e inibe impulsos instintivos. Quando aplicado ao jornalismo de referência como o *Estadão*, o veículo assume o papel de juiz ou censor instalado na estrutura social. Assume função Punitiva: O jornal age como uma figura autoritária que condena implacavelmente os egos transgressores (Angrimani, 1995, p. 51) (neste caso, os torcedores organizados), utilizando o relato da notícia para dar uma lição de moral (Angrimani, 1995, p. 51).

O veículo desloca a autoridade e torna-se um receptor das funções do superego que foram deslocadas de figuras parentais para autoridades externas, exercendo um poder repressivo sobre o público ao ditar o que é aceitável ou não.

O *Estadão* enquadra a moralidade através dos conflitos da torcida Pavilhão 9 sob os critérios de Infração e Conflito (Traquina, 2005), tratando o desvio como uma doença moral (Goés, 2014, p. 137) ou ameaça à ordem democrática.

Justiçamento por Procuração, ao pautar as condenações de ex-policiais ou mortes de torcedores, o jornal permite que o leitor sinta que a Justiça foi feita sem a necessidade de intervenção do Judiciário., vingando a sociedade por procuração.

O jornal (e o conteúdo midiático em geral) torna-se o meio pelo qual o superego sádico do indivíduo se satisfaz ao ver a lei e os valores sendo reafirmados. Como superego acessório, o veículo utiliza os fatos (como chacinas ou punições judiciais) para estabelecer regras indiretas de comportamento, lembrando continuamente ao ego do leitor que a transgressão exige obediência à regra, sob pena de punição (Angrimani, 1995).

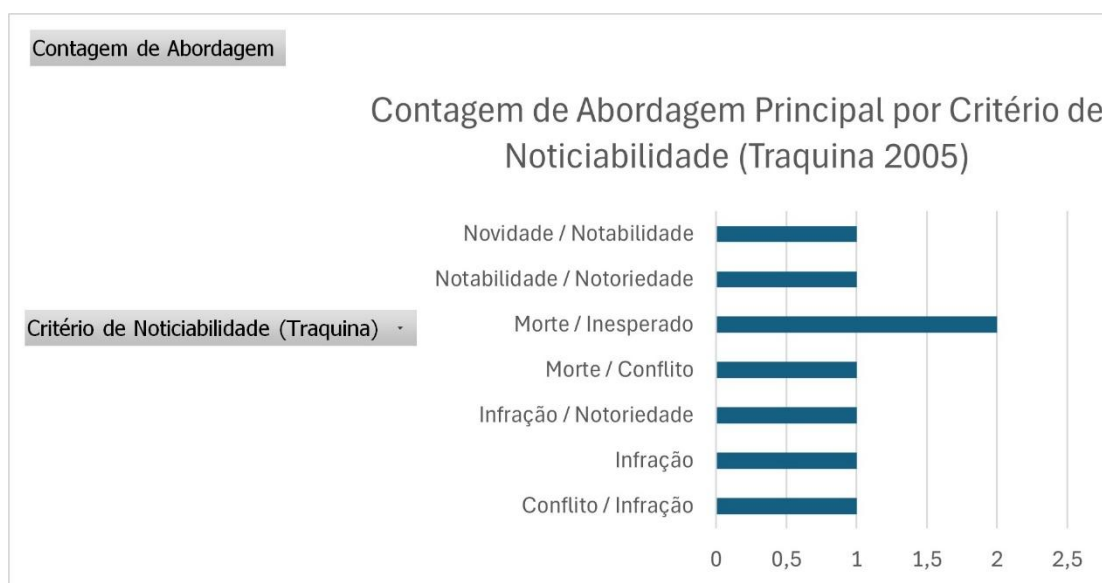
O Estadão atua como disseminador de uma moral conservadora, impondo-se no social graças à sua localização midiática. Ele assume o trabalho de "Sísifo" da economia individual, o de manter as pulsões sob controle, ao transformar a cobertura de segurança pública em um instrumento de vigilância e controle social (Angrimani, 1995, p. 49).

Em suma, aplicar o conceito de superego ao *Estadão* significa enxergá-lo como um Superego de papel (Angrimani, 1995, pg.138), que recusa e condena a exigência pulsional do torcedor, agindo sádica e violentamente (através do texto e do julgamento) contra aqueles que rompem a ordem institucional e democrática.

Ao pautar "As chacinas e a ordem democrática brasileira", o Estadão desloca o torcedor do campo esportivo para o campo da ameaça social. "Expressões de ameaça social – Consideradas palavras, frases e textos que identificam narrativas de terror, horror, medo, tensão individual e social, ameaças, choque, pavor e perigo" (Goés, 2014, p.139).

Operando um enquadramento que criminaliza o coletivo através da sua associação com a falha das instituições. Observa-se, contudo, uma fresta para a **Notabilidade** (Traquina, 2005) em 2016, ao noticiar o retorno de bandeiras, tratando o torcedor como parte do espetáculo, o que remete ao "Lado A" (Fabiano, 2016, p. 42) de exaltação do espetáculo, festa, estética e espetáculo da torcida.

Figura 4: Gráfico representa a divisão das matérias (8) analisadas pelo Jornal O Estado de S.Paulo “Estadão” e sua abordagem com os critérios de Traquina.



Fonte: elaborado pelo autor

4.4 - Folha de S. Paulo: O "Acontecimento" e a Gramática da Barbárie

A Folha de S. Paulo é o veículo com a maior concentração de matérias, e foca predominantemente na violência e crime das torcidas organizadas.

Critérios Predominantes: Morte, Escândalo, Infração e Inesperado.

Os critérios de Morte e Infração (Traquina, 2005) aparecem em grande parte das 33 matérias sobre a chacina de 2015 e nas 15 matérias sobre violência entre torcidas. É o valor-notícia central para o veículo.

O critério de Escândalo (Traquina, 2005) é citado nas investigações envolvendo a conduta de policiais e diretores da torcida (presente no bloco de 33 matérias da chacina).

Traquina (2005) traz o critério Inesperado que surge em matérias de 2022 (especificamente em 2 matérias do bloco de atuação política), quando a torcida atua na desobstrução de rodovias, ocupadas por manifestantes que protestavam contra os resultados das eleições e pediam golpe de estado.

Com 47 matérias (70,1% da amostra total de 67 registros), a Folha de S. Paulo destaca-se como o veículo que mais explorou o "acontecimento" foucaultiano da chacina de 2015, utilizando o fato como um ponto de ruptura que alterou as regras do que poderia ser dito sobre a torcida Pavilhão 9.

A cobertura consolidou uma regularidade discursiva pautada pela violência, deslocando o coletivo das páginas de esportes para as de segurança pública e controle social (Palhares 2022).

A aplicação dos critérios de noticiabilidade de Nelson Traquina revela que a Morte, o Escândalo e o Inesperado foram os motores dessas coberturas. O volume massivo de textos sobre a execução na sede utiliza a morte como o valor-notícia supremo, pois, o sensacionalismo busca "romper o escudo contra as emoções fortes" (Angrimani, 1995, p.45) e atinge o inconsciente do leitor através do choque e da comoção.

A Folha utiliza predominantemente o enquadramento episódico, que, simplifica problemas sociais complexos ao nível da "evidência anedótica" (Goés, 2014, p. 68), ao focar na responsabilidade individual em detrimento das causas estruturais.

O veículo foca no detalhe sórdido e na "estética do sangue" para capturar a atenção, exemplificado por unidades de registro como "vítima disse 'não me deixe morrer'"⁴, o que transforma a dor humana em mercadoria para a Sociedade do Espetáculo de Guy Debord (Negrini; Augusti, 2006 p. 2).

Nesse cenário, o jornal atua como o "Superego Acessório" (Angrimani, 1995, p.45) e assume a função de um juiz moral que "condena implacavelmente os egos transgressores" definida de uma maneira freudiana como pai, ao associar a figura autoritária, através de narrativas que buscam satisfazer curiosidades perversas ou mórbidas da audiência.

Por meio de expressões utilizadas nas matérias como "dívida com o tráfico"⁵, o periódico opera como criminalização da pobreza conceitualizada por (Goés, 2014). Esse processo ancora a violência na origem social e geográfica da torcida, no caso da Torcida Pavilhão 9 de origem carcerária e na zona

⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/04/1619160-nao-me-deixe-morrer-disse-vitima-de-ataque-em-sede-de-torcida-organizada.shtml> Acesso em 11/05/2026

⁵ Dívida com tráfico teria motivado chacina – disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/04/1619157-divida-com-trafficantes-teria-motivado-chacina-em-torcida-do-corinthians.shtml> Acesso em 11/05/2026

periférica de São Paulo, tratando o desvio de comportamento como uma "doença moral" ou animalidade, ao reafirmar estereótipos que associam a identidade do torcedor organizado à marginalidade nata.

Por outro lado, o critério do Inesperado (Traquina, 2005) surge em 2022, quando torcedores dispersam bloqueios golpistas, em favor da intervenção militar no Governo, que estavam em rodovias, forçando uma mudança de enquadramento para a Notabilidade política. Nesse momento, as organizadas são lidas como agentes de resistência democrática, rompendo temporariamente o estigma do "vândalo".

Essa oscilação representa a "moeda de dois lados", como afirma Fabiano (2026, p. 41): enquanto a cobertura de 2015 sobre a torcida foca no "Lado B" (barbárie e crítica), os atos nas rodovias, durante as manifestações golpistas de 2022 permitem a emergência do "Lado A" (exaltação e protagonismo social), evidenciando que o jornalismo não é um espelho neutro, mas um ator que produz e disputa as "verdades" de seu tempo.

E um dos argumentos mais utilizados pelos diretores dos grupos está justamente na questão da espetacularização associada aos critérios de noticiabilidade: a torcida é utilizada para enriquecer o material jornalístico, vender pacotes exclusivos de transmissão, vender o futebol brasileiro como produto cultural. Mas quando todo esse lado positivo das torcidas vira notícia, as organizadas raramente recebem créditos por isso. Já quando o lado negativo ganha destaque, geralmente em casos de violência e conflitos entre torcedores, a menção aos nomes das organizadas é inevitável (Fabiano, 2016, p.41)

Percebe-se que a **Folha de S. Paulo** detém a hegemonia da amostragem, com **47 das 67 matérias (70,1%)**. A análise visual revela um pico drástico em 2015, ano da Chacina na Sede da Torcida. O jornalismo de referência da Folha utiliza a Pavilhão 9 majoritariamente como suporte para narrativas de conflito e controle social, embora as ações políticas recentes demonstrem a hibridez da torcida entre a "festa" e a "luta democrática".

4.5 - Portal Esportivo Lance!: Entre o Serviço e a Punição

O portal Lance! apresenta uma cobertura híbrida, sendo o único a dar espaço sistemático para a valorização da torcida como parte do espetáculo. Os

CrITÉrios Predominantes de Traquina (2005): Notabilidade, Notoriedade e Infração.

O critÉrio exclusivo deste veÍculo É Notabilidade, para o jornalismo de serviço⁶. Aparece nas sete matÉrias do bloco de Logística e Prestação de Serviço, e aplicado quando líderes da Pavilhão 9 são ouvidos em reuniões ou protestos políticos (bloco de nove matÉrias de Atuação Política/Social).

O CritÉrio de Infração aparece no relato de punições disciplinares e mortes isoladas (bloco de 15 matÉrias de Violência/Punições).

A cobertura do portal Lance! sobre a Torcida Pavilhão 9, revela um comportamento editorial que se distancia da imprensa de referência (como Folha e Estadão) por sua natureza de veÍculo especializado. Enquanto os jornais generalistas (Folha de S.Paulo e Estado de São Paulo) tendem a enquadrar a torcida sob a ótica da segurança pública, o Lance! opera em um terreno híbrido, integrando o torcedor ao ecossistema do infotenimento⁷ esportivo.

4.6 O "Lado A": A Torcida como Protagonista e Mercadoria

Diferente da Folha, que frequentemente trata a torcida como uma "ameaça social", o Lance! a enxerga como parte essencial da Sociedade do Espetáculo.

O portal É o Único da amostra que utiliza de forma sistemática o jornalismo de serviço, através do critÉrio de Notabilidade e Serviço, definido por Traquina (2005), exemplificado na sÉrie "Serviço Fiel: veja como viajar..."., matÉria intitulada⁸. Aqui, o torcedor organizado não É o "vândalo", mas o sujeito da proeza logística, cuja fidelidade É valorizada como um componente vital para o sucesso do produto futebol, através da exaltação das caravanas das torcidas organizadas do Corinthians

A valorização da "festa da torcida" Segundo Livia Fabiano (2016, p. 42), o jornalismo esportivo oscila entre a demonização e a exaltação da mercadoria

⁶ (ex: "Serviço Fiel").

⁷ Conteúdo editorial que fornece informação e diversão ao leitor e, ao mesmo tempo, constitui uma prestação de serviço" (Limondre, Braz e Soriano, 2006, p. 62).

⁸ (Serviço Fiel: veja como viajar para Goiânia - <https://www.lance.com.br/todos-esportes/servico-fiel-veja-viajar-sao-paulo-goiania.html>) acesso em 25/04/2026.

que as torcidas oferecem. O Lance! capitaliza sobre o Lado A (festa, cantos e mosaicos), pois entende que a carga emocional das arquibancadas engrandece o material jornalístico e atrai audiência.

A espetacularização dos jogos de futebol ainda foi importante também para a construção da identidade dos grupos. Através da divulgação e propagação de imagens e material relacionados às torcidas organizadas, torcidas despertavam o interesse de pessoas para assistirem aos jogos de futebol. Encantados com o show das torcidas mostrados pela TV e pelos jornais, torcedores buscaram participar da festa (Fabiano, 2016, p. 35).

A capitalização dos espetáculos promovidos pelas torcidas organizadas é reforçada por veículos esportivos, como o Portal Lance!, e adaptou estereótipos a torcidas organizadas, dentro do próprio Corinthians. O portal confere à Pavilhão 9 e outras organizadas um status de sujeito político, retirando-as da marginalidade puramente policial para inseri-las no debate de gestão do esporte, assim traz a Agência Política dentro do Ecosistema Esportivo.

Fiscalização e Pressão: Ao noticiar protestos contra a CBF ou contra a contratação do técnico Cuca em 2023, o Lance! válida a regularidade discursiva da pressão e cobrança. A torcida é apresentada como um "órgão fiscalizador" que ocupa um espaço político legítimo diante de dirigentes e atletas.

Notoriedade: O critério de Notoriedade de Traquina (2005) é aplicado quando líderes de torcidas são ouvidos em reuniões no CT ou aeroportos, tratando suas vozes como relevantes para o desenrolar da "novela" do clube, ao mesmo tempo reforça o tom de fiscalização dentro do Corinthians, como instituição.

Embora o Lance! também reporte a violência (como a chacina de 2015 e a morte de Gabriela Anelli), sua abordagem da Infração difere da imprensa de referência, e aborda o "Lado B", como a infração sem o Pânico Moral.

Enquanto a Folha utiliza um enquadramento episódico focado no "detalhe sórdido" para gerar choque, o Lance! tende a manter a notícia dentro da esfera das punições disciplinares e do impacto que o evento tem no campeonato ou no clube, um recorte de Narrativa Esportiva vs. Policialesca.

Mesmo em matérias com títulos fortes e até sensacionalistas⁹, o veículo não rompe totalmente com o vínculo desportivo, evitando o papel de "Superego Acessório", definido por Agrimani (1995, p. 45) como moralizante que busca extirpar a torcida do convívio social.

A violência é vista como uma ruptura indesejada do entretenimento, mas o torcedor ainda é mantido como parte da "comunidade interpretativa" do esporte.

Em suma, a cobertura do portal de jornalismo esportivo Lance! exemplifica o que Palhares (2022, p. 87) define como a circularidade dos discursos: a mesma torcida que é "fiel" e "notável" na segunda-feira pode ser alvo de uma nota de "infração" na quarta-feira. No entanto, por ser um veículo especializado, o portal reconhece no torcedor organizado a dignidade de um ator social que, apesar dos desvios violentos, é o motor humano que sustenta a paixão e a lucratividade do futebol brasileiro.

4.7 Diferenças Editoriais: "Lado A" vs. "Lado B"

Segundo Fabiano (2016), é observada uma divisão clara na forma das narrativas entre diferentes tipos de veículo jornalístico. Jornais de Referência (Folha/Estadão) focam no que a autora chama de Lado B, explorando a barbárie, a criminalidade e o pânico moral por meio de enquadramentos episódicos de morte e infração. Já o portal especializado (Lance!), embora também cubra conflitos, abre mais espaço para o Lado A, com critérios de noticiabilidade relacionados à logística de viagens, reuniões no Centro de Treinamento e vida política do clube.

O Lado A representa a abordagem favorável às torcidas organizadas, caracterizada por um estilo que, muitas vezes de forma não intencional, acaba por exaltar o coletivo. Nesse enquadramento, Fabiano (2016, p. 42), a torcida é vista como um componente vital do esporte, responsável por engrandecer o

⁹ (ex: "Chacina na Pavilhão 9 ordenada por facção" – disponível em: <https://www.lance.com.br/todos-esportes/policia-chacina-pavilhao-nove-ordenada-facciao-criminosa.html.amp>) acesso em 25/04/26.

material produzido pelos jornalistas através de sua festa, cânticos, bandeiras e mosaicos.

Nesta face do disco, a torcida é tratada como uma mercadoria valiosa. Os meios de comunicação utilizam as imagens plásticas das arquibancadas, como festas com sinalizadores que são proibidas, para vender pacotes de transmissão e promover o futebol brasileiro como um produto cultural atraente. Exemplos dessa cobertura incluem matérias especiais, como as do programa Esporte Espetacular, que colocam as torcidas e seus símbolos em foco, utilizando legendas para as letras das músicas e valorizando a logística e a criatividade dos grupos, além da espetacularização do que é proibido pela entidade maior do futebol, a FIFA, como sinalizadores durante os jogos e uso de pirotecnia.

No Lado A, as torcidas organizadas são os agentes que conferem alma ao estádio, sendo indispensáveis para a estética do esporte espetacularizado.

4.7.1 O Lado B: A Barbárie e a Estigmatização

Em contrapartida, o Lado B é a face crítica, centrada nos episódios de violência, conflitos e transgressões. Essa abordagem é pautada por um viés que busca despertar o interesse do público por meio de narrativas e imagens pesadas, que, apesar de causarem incômodo, geram altos índices de audiência e cliques. É nesse lado que ocorre o processo de demonização das torcidas organizadas, consolidando o estereótipo do vândalo ou do marginal.

Uma característica marcante do Lado B é o deslocamento editorial: quando as torcidas se envolvem em brigas, a notícia frequentemente migra do caderno de Esportes para o de Cidades ou Polícia. No Lado B, a torcida deixa de ser o suporte da festa para se tornar um caso de polícia ou um crime ocorrido em arena esportiva.

Segundo Fabiano (2016, p. 48), essa cobertura tende a ser reativa, focando apenas no desfecho violento e ignorando as raízes sociais ou a complexidade do fenômeno.

4.7.2. Assimetria entre os Lados

Fabiano (2016) identifica uma profunda assimetria na forma como esses dois lados são operados pelo jornalismo. Quando a torcida promove ações positivas, como festas coordenadas ou trabalhos sociais (doação de sangue, apoio a creches, ações sociais em complexos penitenciários ou em comunidades periféricas), os créditos raramente são atribuídos à instituição específica; a mídia tende a diluir o mérito sob a denominação genérica de torcida geral ou fiel.

Contudo, quando o foco é o Lado B (violência), a menção ao nome da torcida organizada torna-se inevitável. Essa estratégia reforça o pânico moral, pois as organizações só ganham identidade nominal nos meios de comunicação quando associadas a fatos negativos. Assim, a imprensa aproveita o Lado A para enriquecer esteticamente seu produto, mas utiliza o Lado B para reafirmar um discurso punitivo e de exclusão, muitas vezes pedindo a extinção dos grupos que ela mesma ajudou a espetacularizar.

Fabiano (2016) conclui que o jornalismo esportivo brasileiro opera em um mutualismo ambíguo com as torcidas:

a torcida é utilizada para enriquecer o material jornalístico, vender pacotes exclusivos de transmissão, vender o futebol brasileiro como produto cultural. Mas quando todo esse lado positivo das torcidas vira notícia, as organizadas raramente recebem créditos por isso. Já quando o lado negativo ganha destaque, geralmente em casos de violência e conflitos entre torcedores, a menção aos nomes das organizadas é inevitável (Fabiano, 2016, p. 41)

Ao alternar entre o Lado A (exaltação mercadológica) e o Lado B (demonização sensacionalista), a mídia constrói uma imagem maniqueísta de mocinhos e vilões que serve ao princípio do lucro e da audiência, mas que falha em oferecer uma compreensão plural e contextualizada dessas manifestações populares.

Em geral, os dados confirmam a hipótese de que a mídia paulista utiliza a Pavilhão 9 majoritariamente como suporte para narrativas de criminalização. O enquadramento sensacionalista é detectado pela ênfase em detalhes mórbidos

e no uso de uma linguagem-clichê que simplifica o torcedor ao nível da ameaça social. Contudo, a emergência de critérios como Notabilidade em anos recentes sinaliza uma fresta para um contradiscurso que humaniza o coletivo como parte da engrenagem democrática.

4.8 A Construção Discursiva do Outro no Jornalismo Esportivo: Sensacionalismo e Enquadramento das Torcidas Organizadas

A análise de notícias da Torcida Pavilhão 9 entre 2015 e 2023 revela como a identidade do torcedor é moldada para servir a um discurso de criminalização da pobreza.

O jornalismo, enquanto instituição social, não atua meramente como um espelho da realidade, mas também como um agente fundamental na construção social da realidade cotidiana. Ao selecionar e hierarquizar acontecimentos, o discurso informativo oferece à audiência mapas culturais que ajudam a organizar o caos do mundo perceptível em categorias inteligíveis

4.8.1 O Deslocamento do Espaço Discursivo

A construção do outro é visível na migração das notícias do caderno de Esportes para o de Cidades/Polícia. Enquanto o "Lado A", de festa e mosaicos (Fabiano, 2016) é consumido de forma anônima como mercadoria do espetáculo, o "Lado B", de conflito (Fabiano, 2016) exige a nomeação institucional da torcida para vinculá-la inevitavelmente à barbárie. O torcedor só ganha visibilidade nominal quando transgride, o que consolida a ideia de que a torcida organizada é, por definição, uma quadrilha ou facção.

O jornalismo utiliza adjetivações que retiram a condição humana do torcedor, classificando-o como "câncer do futebol", "praga" ou "animais" (Palhares, 2022, p. 193). Ao aplicar o que Lopes e Palhares (2016) definem como polarização maniqueísta (nós x eles), a mídia cria uma divisão entre o "torcedor

comum/pacífico" (nós) e o "torcedor organizado/vândalo" (eles), incentivando a aversão e o medo coletivo.

A construção do outro é reforçada pela localização geográfica das notícias, sempre situadas em periferias ou sedes de torcidas, o que vincula a origem social à predisposição para o crime. O comportamento desviante é tratado como uma "doença moral" ou patologia, algo que deve ser "varrido" ou "extirpado" para garantir a segurança dos "cidadãos de bem".

Por meio dos critérios de Nelson Traquina (2005), o jornalismo estabelece uma "gramática invisível" em que apenas o conflito, a infração e a morte são noticiáveis em relação às torcidas. Isso silencia as ações sociais, a agência política e a sociabilidade desses grupos, garantindo que a única representação disponível no imaginário público seja a do outro violento.

Conclui-se que o jornalismo esportivo não apenas relata a violência, mas constitui o torcedor organizado como um objeto de periculosidade, utilizando o sensacionalismo para validar um regime de verdade que privilegia a repressão em detrimento da compreensão social do fenômeno. No caso das torcidas organizadas, especificamente a Torcida Pavilhão 9, essa construção é atravessada por uma gramática invisível (Traquina, 2005) que orienta o cotidiano das redações jornalísticas. Esses critérios funcionam como filtros que determinam quais fatos possuem as qualidades necessárias para serem transformados em notícias e como essa construção deve ser feita, e frequentemente oscila entre a exaltação do espetáculo (o Lado A) e a estigmatização da violência (o Lado B).

4.9 Sensacionalismo como Modo de Produção e o Superego Acessório

O conceito de sensacionalismo deve ser compreendido não apenas como uma deformação ética, mas como um modo de produção discursiva que utiliza critérios de intensificação e exagero para despertar respostas emocionais imediatas no leitor. Segundo Angrimani (1995, p.15), o jornalismo

sensacionalista opera com uma linguagem-clichê que remete ao inconsciente, buscando romper a proteção racional do ego.

Nesse cenário, o veículo de comunicação assume a função psíquica de um "superego acessório" (Angrimani, 1995, p. 45), atuando como um juiz moral que condena implacavelmente os transgressores, no caso, os torcedores organizados da torcida Pavilhão 9, por meio de manchetes escandalosas que buscam saciar curiosidades perversas ou mórbidas da audiência. A notícia deixa de ser um relato factual para se tornar um instrumento de punição e controle social, onde a exposição do outro violento serve para reafirmar as normas da maioria ordeira.

Para compreender o sensacionalismo na imprensa contemporânea, é necessário afastar-se de definições puramente adjetivas e observá-lo como um modo de produção discursivo. Pedroso (2001) define essa prática como um processo regido por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico. Por meio da Mercantilização da Informação, o sensacionalismo representa o grau mais radical da transformação da notícia em mercadoria. Nesse modelo, o que se vende é a aparência e a carga emotiva da manchete, muitas vezes superior ao conteúdo desenvolvido no texto interno.

Outra estratégia toma a Seleção do Extraordinário como modo de produção, o sensacionalismo prioriza o extraordinário, o vulgar e o bizarro. Ele extrai do fato sua carga apelativa para satisfazer necessidades instintivas do público com formas sádicas ou ridicularizadoras. Diferente do jornalismo de referência, que busca uma linguagem neutra e distante, o modo de produção sensacionalista opta pela linguagem-clichê. Essa estratégia visa romper o "escudo contra emoções fortes" (Angrimani, 1995, p. 31) do leitor, promovendo uma fusão emocional entre o sujeito e o objeto da notícia.

4.9.1 O Superego Acessório no Jornalismo

A função psíquica do jornalismo sensacionalista é explicada por Danilo Angrimani (1995) no conceito de Superego Acessório. Baseando-se em Freud e

Otto Fenichel, o autor argumenta que os meios de comunicação podem atuar como instâncias para as quais as funções do superego individual são deslocadas ou reprojctadas. O jornal sensacionalista assume a função de Juiz Moral e o papel de um censor instalado no social. Ele age como uma figura autoritária que "condena implacavelmente os egos transgressores" (Angrimani, 1995, p. 51). Ao usar manchetes agressivas e textos moralistas, o veículo oferece uma "lição de moral" que busca castigar quem rompe as normas.

Angrimani ainda aponta que se estabelece uma Punição por Procuração. O leitor experimenta um prazer vicário ao ver a punição do outro. Quando o jornal exhibe o rosto humilhado de um criminoso ou a morte de um "marginal", o superego sádico do leitor se satisfaz por procuração, sentindo que a ordem e a lei foram recompostas. O Superego Acessório funciona como um aparelho de vigilância através de Advertência e Controle que lembra continuamente ao ego do leitor que a regra existe e exige obediência. Ao espetacularizar a morte e a desgraça alheias como consequências do desvio, o jornal adverte o público de que o mesmo poderá acontecer com ele caso transgrida a lei. A convergência entre o sensacionalismo como modo de produção e o papel de Superego Acessório revela um jornalismo de viés conservador e reacionário.

Ao enquadrar o crime e o desvio sob uma ótica puramente moralista e individualizada, o veículo oculta as causas sociais e políticas da violência. Nesse cenário, o jornalismo deixa de ser uma instância de mediação democrática para se tornar um instrumento de controle social.

Através do "riso cruel" (Goés, 2014, p.181) ou da indignação programada, o Superego Acessório canaliza as pulsões agressivas da audiência contra bodes expiatórios (geralmente pobres ou minorias), consolidando representações sociais que criminalizam a pobreza. Assim, a notícia sensacionalista não apenas informa, mas constitui um regime de verdade que privilegia a punição e a estigmatização em detrimento da reflexão crítica.

4.10 O Enquadramento Episódico e a Criminalização da Pobreza

A análise da cobertura jornalística sobre a Pavilhão 9 revela o uso predominante do enquadramento (*framing*) episódico (Goés, 2014, p. 68). Ao

focar em eventos isolados de conflito, como a chacina de 2015 ou brigas de estádio, o jornalismo retira o acontecimento de seu contexto histórico-social e simplifica o problema ao nível da responsabilidade individual. Esse tipo de enquadramento "seleciona alguns aspectos da realidade percebida e os ressalta para promover uma definição particular de um problema" (Entman, 1993, p. 52).

Esse processo é indissociável da construção das representações sociais que tendem à criminalização da pobreza. Conforme aponta Góes (2014), o sensacionalismo frequentemente ancora o crime em localizações geográficas específicas (periferias e guetos), criando um estereótipo reducionista que associa a origem social do torcedor a sua suposta periculosidade inata. Para a Pavilhão 9, cujas raízes históricas estão ligadas a detentos e classes subalternas, o jornalismo muitas vezes utiliza a barbárie como um enquadramento exemplar para materializar o medo social e justificar medidas repressivas.

4.11 A Sociedade do Espetáculo e a Alienação da Imagem

Dentro da perspectiva de Debord (1997), a cobertura jornalística das torcidas organizadas integra a Sociedade do Espetáculo, na qual a imagem da violência se torna uma mercadoria que alimenta o crescimento da economia da atenção. O espetáculo telejornalístico e impresso, ao focar na "estética do sangue" (Góes, 2014) e no grotesco, transforma a dor e a tragédia em divertimento, gerando uma alienação generalizada que impede o debate crítico sobre as causas estruturais da violência no esporte.

O uso de manchetes impactantes e de recursos gráficos abusivos (como fotos de cadáveres ou reconstruções dramáticas) serve como uma "armadilha" para capturar o interesse do leitor, priorizando a sensação provocada em detrimento da informação qualificada. Assim, o torcedor organizado é desumanizado e convertido em personagem de uma "narrativa de teleficção" (Sousa Júnior, 2006), em que seu papel é fixado como o vilão necessário à manutenção do controle social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa confirmou que a chacina de 2015 funcionou como um "acontecimento foucaultiano". Antes desse marco, a torcida habitava um espaço de lazer; após a execução de seus membros, houve uma ruptura nas regras de veridicção, deslocando o coletivo das páginas de Esporte para as de Segurança Pública e Cotidiano. Esse deslocamento consolidou uma regularidade discursiva da violência, onde o nome da organizada passou a ser invocado quase exclusivamente sob o estigma da criminalidade.

Antes de 2015, a Torcida Organizada Pavilhão 9 habitava as editorias de esporte, com parte de exaltação. Após a execução de seus membros, houve uma migração definitiva para as páginas de Segurança Pública e Cotidiano, consolidando o que Foucault chama de regularidade discursiva da violência foi quando o nome da organizada passou a ser um "sintagma de periculosidade".

A mídia não apenas noticia o crime, mas utiliza o evento para delimitar o que o grupo "é": um problema de polícia, e não mais um coletivo de torcedores.

Identificou-se uma profunda assimetria na cobertura, especialmente nos jornais de referência (Folha de S. Paulo e Estadão). Utilizando o que Livia Fabiano conceitua como "moeda de dois lados", observou-se a predominância do Lado B (barbárie e infração). Através de um enquadramento episódico, o jornalismo simplificou o fenômeno social ao nível da "evidência anedótica", focando no detalhe sórdido e na responsabilidade individual em detrimento das causas estruturais. O uso recorrente de termos como "ordem de facção" e "dívida com o tráfico" operou o que Góes (2014) chama de criminalização da pobreza, ancorando a violência na origem geográfica, na periferia da torcida.

A análise revelou que, ao tratar da Pavilhão 9, o jornalismo frequentemente assumiu a função psíquica de um "superego acessório", conforme definido por Angrimani (1995). O veículo deixou de ser meramente informativo para atuar como um juiz moral que condena os torcedores organizados, buscando saciar a curiosidade mórbida da audiência e reafirmar a ordem social através de uma "lição de moral" punitiva.

Diferente da imprensa de referência, o portal Lance! apresentou uma cobertura mais equilibrada, integrando o torcedor ao ecossistema do infotenimento. O veículo valorizou o Lado A (festa e logística) através do critério de Notabilidade (jornalismo de serviço) e reconheceu a torcida como um sujeito político em protestos contra a CBF e gestões clubísticas. Isso demonstra que mídias especializadas tendem a reconhecer a dignidade do torcedor como ator social, apesar dos desvios.

Um ponto de inflexão importante nas considerações finais é a mudança de enquadramento ocorrida em 2022. O critério do Inesperado de Nelson Traquina foi acionado quando os torcedores dispersaram bloqueios em rodovias, forçando a mídia a ler as organizadas como agentes de resistência democrática. Esse momento representou um contradiscurso que rompeu temporariamente o estigma do vândalo, evidenciando que a identidade da torcida é fluida e disputada discursivamente.

Esse momento prova que a identidade da Pavilhão 9 não é estática; ela é um campo de batalha discursiva onde a agência política pode romper a "marcha imperial" da criminalização. Esta tese demonstra que o jornalismo paulista opera uma governamentalidade neoliberal que busca destruir identidades coletivas (como as organizadas) para transformá-las em consumidores passivos e individualizados. No entanto, a trajetória recente da Torcida Organizada Pavilhão 9 sugere que o futuro dessas agremiações depende da ocupação do espaço público como atores democráticos, forçando a sociedade e a mídia a enxergarem além do sangue e da barbárie para compreender a torcida como um espaço legítimo de lazer, sociabilidade e cidadania.

Entre tantos Andrés Sanchez, Augusto Melo e Dualib, ex-presidentes corinthianos que passaram, ao menos, por investigações, o que permanece é o torcedor, não necessariamente o organizado, mas aquele que para a própria vida para acompanhar os 90 minutos de onze pessoas vestindo o uniforme preto e branco, seja no campo, na quadra ou até na natação, representando uma nação de 30 milhões de pessoas.

O apoio nunca faltou e nem irá faltar. O amor do torcedor corinthiano prevalece. Enquanto houver 0,04% de chance, o torcedor organizado, esse sim, que enfrenta dias em ônibus, caravanas intermináveis e faz vaquinha para o almoço só para ver o time, estará presente, seja no Uruguai ou em Itaquera, mesmo com tantos jogando contra. Afinal, não se trata apenas de números, palavras ou dados, mas de pessoas. Ou melhor, de organizados, e no caso desta monografia, dos “Metralhas”.

Esta monografia conclui que a construção discursiva do torcedor organizado no jornalismo esportivo serve frequentemente para validar um regime que privilegia a repressão em detrimento da compreensão social.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, um conceito errante. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 13, p. 1-13, jul./dez. 2005.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CABRERA DURAN, N. E.; SOUSA, R. de **O. Violências no futebol brasileiro: Uma análise dos casos registrados em 2023**. **Revista História: Debates e Tendências**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 184-204, 2024. DOI: 10.5335/hdtv.24n.3.16402. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/16402>. Acesso em: 27 mar. 2025.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ENTMAN, Robert M. Enquadramento: Rumo ao esclarecimento de um Paradigma Fraturado. **Journal of Communication**. Autumn. 43 (4). 1993.

FABIANO, Livia Muniz. **A Torcida Organizada no Jornalismo Esportivo Brasileiro**. 2016. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GÓES, José Cristian. **Jornalismo e Sensacionalismo**: enquadramento, criminalização da pobreza e implicações éticas no Jornal Cinform. 2014. 230 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

LONGHI, Naiara. Sensacionalismo e Jornalismo Popular: um estudo de caso. In: **XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM)**, 2005, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005.

MARTINS, Andreza Skarleth da Cunha; ALBUQUERQUE, Daiana; ARAÚJO, Igor Câmara de. Jornalismo versus sensacionalismo: a espetacularização da

notícia. In: **XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE**, 2014.

MORAES, I. F.; BASTOS, F. da C.; ROCCO Junior, A. J. **Torcida única nos clássicos paulistas de Futebol: cobertura da mí-dia e efeitos no público e nas receitas de bilheteria**. RBFF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol, 11(42), 119-128. 2019. Disponível de <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/727>. Acesso em 15 abr. 2025.

NEGRINI, Michele; AUGUSTI, Alexandre Rossato. O legado de Guy Debord: reflexões sobre o espetáculo a partir de sua obra. **BOCC**, 2006. Disponível em <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/negrini-augusti-2013-legado-guy-debord.pdf>. Acesso em 28/04/2026.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares. **Torcidas organizadas e jornalismo esportivo: discursos sobre violência no futebol**. 2022. 234 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. A violência como espetáculo: o crime na televisão brasileira (1961-2016). In: PRIORE, Mary del; MÜLLER, Angélica (org.). **História dos crimes e da violência no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2017.

RAMOS Pedro Henrique Ordones. **Pavilhão Nove: da cela às arquibancadas**. 2024. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Jornalismo.

RIBEIRO, Bruno et al. Ética, sensacionalismo e jornalismo popular em Brasília. **Revista Iniciacom**, v. 5, n. 1, 2013.

ROSSI, George Bedinelli; SERRALVO, Francisco Antonio; JOÃO, Belmiro Nascimento. Análise de Conteúdo. **Brazilian Journal of Marketing - BJM / Revista Brasileira de Marketing – ReMark**, v. 13, n. 4, 2014.

TONDO, Romulo; NEGRINI, Michele. Espetacularização e Sensacionalismo: reflexões sobre o jornalismo televisivo. In: **XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM)**, 2009, Curitiba. Anais... Curitiba: Intercom, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo I: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Resolução nº 455-COUN/UFMS, de 1º de dezembro de 2025**. Institui a Política de Inteligência Artificial da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Boletim Oficial da UFMS, 2025.

VILELA JUNIOR, Guanís De Barros; CARVALHO, Anderson dos Santos.
Análise de Conteúdo. Conference Paper, julho de 2011. Disponível em
https://www.researchgate.net/publication/345501484_Analise_de_Conteudo
Acesso em 28/04/2026.